

## Cidadão Emérito de Macau<sup>1</sup>

TEREZA SENA\*

Antes de mais, não posso deixar de agradecer o honroso convite que me foi formulado pelo senhor Presidente do Leal Senado, para que, em tão solene ocasião, falasse um pouco sobre o senhor Padre Manuel Teixeira.

A vastidão da sua obra, o dinamismo que o caracteriza e a sua longevidade, que o tornam omnipresente no quotidiano de Macau ao longo de quase todo este século, não simplificam a tarefa. Tentarei, pois, desempenhá-la, se bem que de forma sucinta, com a preocupação de não pecar por omissão.

\* Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Mestre em História de Portugal dos Séculos XIX e XX pela Universidade Nova de Lisboa. Investigadora-coordenadora do Instituto Ricci de Macau.

*History graduate from Lisbon University Arts Faculty, with an M.A. in the History of Portugal of the 19th and 20th centuries from the Universidade Nova de Lisboa. Researcher-coordinator in the Macao Ricci Institute.*

Já lhe chamaram “Monsenhor Macau”<sup>2</sup> e, na minha óptica, com extrema propriedade.

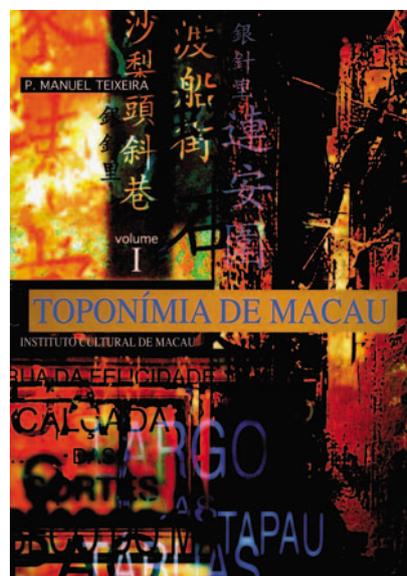
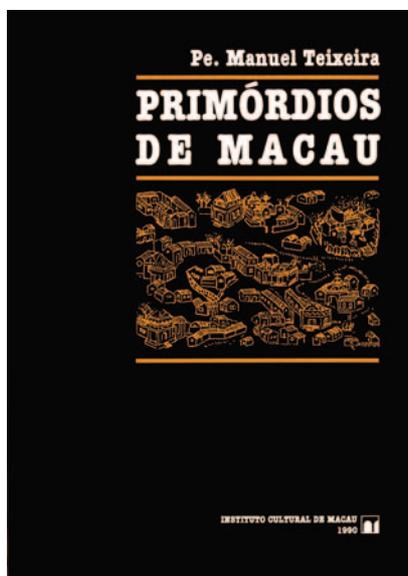
Se a contrária não é verdadeira, já que Macau é, tradicional e historicamente, o local de confluência das mais diversas gentes e culturas – e assim o continuará a ser no futuro, bem o cremos –, já a história de Manuel Teixeira se confunde com a da própria cidade.

E ela, proclamando-o hoje seu cidadão emérito, nesta casa onde assentam as raízes da sua governação dos últimos 400 anos, reconhece que Monsenhor Manuel Teixeira é efectivamente uma *peça* – e perdoem-me a expressão – do património cultural de Macau.

Começemos pelo seu prestígio internacional.

Habituada, de há mais de uma década, a lidar com visitantes desta terra, sobretudo estrangeiros, há uma pergunta que, invariavelmente, me dirigem: – Como está – uns –, onde se pode visitar o Pe. Manuel

## IN MEMORIAM: MONSENHOR MANUEL TEIXEIRA (1912-2003)



Teixeira – outros –, mas todos, todos o conhecem. E por que conhecem eles Monsenhor Manuel Teixeira?

Sendo um hábito generalizado, sobretudo nos povos de cultura anglo-saxónica, aquela a que poderei chamar de “cultura da viagem”, ou talvez melhor, a viagem como forma de enriquecimento cultural e humano, antes de partirem para qualquer lugar, o mais recôndito que ele seja, todos eles se documentam, pela leitura e pela troca de informações com anteriores visitantes – e muitos deles tiveram certamente o Pe. Manuel Teixeira como guia.

Como poderiam então não ter deparado com o nome de Manuel Teixeira, um homem que, ao longo dos seus 86 anos de vida e quase 60 de Macau – se as contas não me falham e descontando-lhe os 15 anos que viveu em Singapura –, escreveu mais de uma centena de livros e, seguramente, mais do dobro de artigos, muitos dos quais traduzidos ou directamente publicados em línguas estrangeiras, nomeadamente a inglesa?

Já as contaram, são mais de 50 mil páginas.

E isto sem falar da sua contínua e incrível capacidade de produção escrita, ajudada por uma fabulosa memória, que nos oferece diariamente na Imprensa,<sup>3</sup> ao nível da reflexão, da informação, do comentário e ainda da crítica com que também vai fazendo a sua história do quotidiano.

Não admira, pois, que no já distante ano de 1983 tenha sido eleito por uma cadeia de televisão norte-americana como um dos quatro – note-se, apenas quatro – cidadãos septuagenários mais activos do

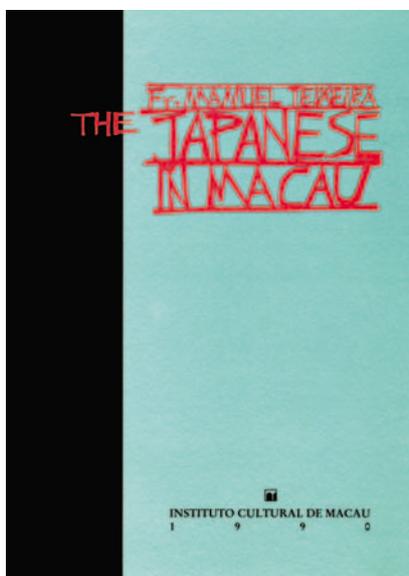
planeta, o que o deu a conhecer a milhares de pessoas em todo o Mundo. É bem provável que hoje seja o primeiro dos octogenários...

Mas permitam-me que, como historiadora, aqui retome o testemunho que, anos atrás, tive ocasião de publicar sobre o Pe. Manuel Teixeira, que, aos 22 anos, dirigia o “Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau”, e, posteriormente – continuando a obra do grande homem de cultura macaense que foi Luís Gonzaga Gomes –, o riquíssimo “Boletim do Instituto Luís de Camões”, e de cuja autoria destaco as monumentais *História da Diocese de Macau*, *Os Militares em Macau* e a *Toponímia de Macau*, úteis obras em qualquer parte do Mundo e em qualquer circunstância de pesquisa relacionada com este Território, estas últimas galardoadas pela Fundação Calouste Gulbenkian em 1981 e 1983, respectivamente.

Dizia eu então (e perdoem o comodismo de me citar a mim mesma): “O Pe. Manuel Teixeira é uma “obra de referência”, como lhe costumo chamar. Não há assunto, biografia ou data que não tenha “vasculhado”. É essencialmente um coleccionador de documentos e de informação, um erudito e um profundo conhecedor da factologia ligada à História de Macau e da presença portuguesa no Oriente e respectivo divulgador.

O mérito e a utilidade da sua obra advêm precisamente desse facto. Consulta-se como uma enciclopédia. Depois criticam-se (no sentido hermenêutico do termo) e trabalham-se os dados recolhidos.”<sup>4</sup> Assim, todos quantos nos dedicamos ao estudo de Macau,

## IN MEMORIAM: MONSIGNOR MANUEL TEIXEIRA (1912-2003)



somos hoje herdeiros da riqueza da sua extensa e prolixa compilação e produção, bem como devedores do reconhecimento por um esforço, dedicação e perseverança, que representam uma vida, a todos os títulos meritórios. Obrigada, pois, Monsenhor Teixeira.

A história pessoal deste homem de figura inconfundível, sacerdote de barbas brancas (ao que dizem casamenteiras), transmontano no ser e no falar, algo peculiar e até pouco ortodoxo, já todos a conhecerão certamente. Desde a partida da sua terra natal, Freixo de Espada à Cinta com apenas 12 anos de idade, rumo ao Seminário de Macau – necessitado que este estava de jovens, que viessem a ser futuros padres e missionários –, e isto pelas mãos do Pe. José Augusto Monteiro, seu conterrâneo, segundo creio, à sua acção na missão de Singapura, ao seu empenho em aplicar todos os bens pessoais em prol dos necessitados e dos estudantes de fracos recursos: o fundo dos Pobrezinhos de Sto. António em Gaia, a doação à paróquia de Freixo de Espada à Cinta para obras de caridade, o Fundo de S. José dos Estudantes Pobres da Missão de

Portuguesa de Singapura, a Fundação Pe. Teixeira de apoio aos estudantes pobres de Macau, por ele instituída por ocasião do seu Jubileu de Oiro Sacerdotal, em 1984, entre outros, às distinções de que foi alvo em Portugal e de que apenas referirei a Ordem Militar do Cavaleiro de S. Tiago – a mais alta condecoração nacional –, com que, em 1989, foi agraciado pelo então Presidente da República, Dr. Mário Soares, e também o reconhecimento de Macau quando, em 1985, o fez Doutor *Honoris Causa* em Letras pela então Universidade da Ásia Oriental, às inúmeras associações de ciência e de cultura a que está ligado, como as prestigiadas Academia Portuguesa de História, Sociedade de Geografia e a Associação Internacional de Historiadores da Ásia, entre outras.

Se continuasse, não caberia o meu depoimento nos escassos minutos de que disponho. Mas mais do que todas as palavras valem os actos e, por isso, estou certa de que o reconhecimento da terra a que dedicou a sua vida e o seu saber, calará bem fundo no coração de Monsenhor Manuel Teixeira. **RC**

## NOTAS

- 1 N. do E. - Comunicação proferida pela Dra. Tereza Sena, a 23 de Junho de 1998, no Salão Nobre do Leal Senado (actual Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais), por ocasião da atribuição do título de Cidadão Emérito de Macau a Monsenhor Manuel Teixeira. Trata-se de um documento inédito que evoca um momento particularmente significativo da longa vida do padre-historiador.
- 2 Vd. Paulo Coutinho, “Monsenhor Macau”, in *Macau*, Macau, IIª Série, (31), Novembro de 1994, pp. 89-103.
- 3 N. do E. - A autora refere-se à crónica “Cálice do Fino” que Monsenhor Manuel Teixeira assinava no diário *Macau Hoje* (entretanto extinto). Até então, mantivera no matutino *Gazeta Macaense*, ao longo de anos a fio, a célebre coluna “Grãozinhos de Bom Senso” – a sua mais prolongada colaboração com a Imprensa.
- 4 Tereza Sena, “Obra de referência”, in *Macau*, Macau, IIª Série, (31), Novembro de 1994, p.103.